



SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 25 DE ABRIL DE 2024

ATA

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e quatro, nesta Vila de Nelas e Edifício Multiusos, reuniu pelas dez horas e trinta minutos, a Assembleia Municipal de Nelas, em sessão extraordinária, para as Comemorações do Dia 25 de Abril.

O Senhor Presidente da Assembleia, Dr. José Albuquerque Vaz:

- 50 Anos de história. Eu convidava todos os presentes, para ouvir o nacional.

(OuvIU-se o Hino Nacional)

(Palmas)

O Senhor Presidente da Assembleia:

- Segue-se, agora, um breve momento musical.

(OuvIU-se um breve momento musical)

(Palmas)

O Senhor Presidente da Assembleia:

- Muito obrigado.

Muito bom dia a todos de novo. Queria, em primeiro lugar, cumprimentar o nosso convidado de honra, Doutor Luís Marques Mendes. Muito obrigado por ter vindo. É sempre um gosto, recebê-lo nesta nossa casa da Democracia.

E, portanto, apesar dos seus sacrifícios pessoais para estar aqui hoje a esta hora, é com muito gosto que o recebemos. Muito obrigado por ter vindo, mais uma vez, ao Concelho de Nelas.

Queria cumprimentar, a seguir, o Senhor Presidente da Câmara, a Senhora Vice-Presidente e os Senhores Vereadores, as Senhoras e os Senhores Deputados, as Entidades Cívicas e Militares, os Senhores Comandantes e Presidentes das Associações Humanitárias dos Bombeiros Voluntários. Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Hoje não falarei aqui na qualidade de apologista do 25 de Abril só porque o sou. Falo mais numa perspetiva histórica, na qualidade de um Militar da Revolução de Abril. E eu era jovem, tinha 20 anos, mas recordo-me perfeitamente do 25 de Abril. Havia uma coisa que não tinha, que era a formação política, mas tinha uma certeza na vida: Eu não queria ser mobilizado para a Guerra do Ultramar como muitos jovens da minha idade. E penso que é, de facto, a miséria material em que o País vivia e uma guerra colonial sem sentido, com 13 anos de duração e com milhares de mortos, que leva ao despoletar da Revolução dos Cravos. Daí que as minhas primeiras palavras sejam de homenagem aos 180 Oficiais dos três ramos das Forças Armadas que no dia 5 de março de 1974 se reuniram em Cascais e chegaram à conclusão que o Regime só cairia, de facto, com um Golpe Militar. Encarregaram dois Generais de redigir o documento das Forças Armadas, o General Spínola e o General Costa Gomes. E, nestas questões, há sempre uns que são mais entusiastas do que outros. Eu recordo-me que os spinolistas diziam que bastaria um Regimento avançar para Lisboa e que o poder cairia. Mas estavam enganados. No dia 16 de março de 1974 o Comandante Varela saiu do Regimento de Infantaria 5 das Caldas da Rainha, em direção a Lisboa.

Chegou a Sacavém, ao Rio Trancão e reparou numa coisa: Ninguém se tinha movimentado. Então o Comandante Varela não teve outra alternativa a não ser senão regressar outra vez às Caldas da Rainha. Chegou às 9:00 horas da manhã e o quartel



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

foi cercado por um Comando da Região Militar de Tomar. Prenderam o Comandante Varella e mais 32 Oficiais que foram para o Ralis, para Lisboa onde ficaram até ao 25 de Abril. Ora bem, o Poder convenceu-se de uma coisa: É que tinha desarticulado completamente o Movimento dos Capitães de Abril e que nunca mais haveria nenhuma revolução. Enganaram-se, 41 dias depois o Regime caiu.

Caiu porque na madrugada do 25 de Abril, portanto, há 50 anos os Comandantes da altura entenderam que havia 2 questões que tinham que resolver. Isto é, o Golpe Militar teria que ser a um dia de semana para evitar que os Militares todos estivessem de fim-de-semana e que as Unidades deveriam partir todas de todos os quartéis em simultâneo. E foi, de facto, o que aconteceu. Compreendo perfeitamente a intensidade dramática das primeiras horas da manhã porque não se sabia naquela altura, talvez devido às dificuldades das comunicações se, de facto, o Golpe Militar tinha sido ou não um êxito. Mas depois dessa intensidade dramática da madrugada, quando o Povo se juntou aos Militares, o Regime caiu. E é por isso que estamos hoje aqui. O País transformou-se completamente. Naturalmente que ainda nem tudo estará resolvido. Mas de qualquer maneira eu queria fazer aqui um apelo aos trintões do meu País, aqueles que levam de manhã os filhos à escola e que à noite tratam dos Pais em casa, que não desistam do País. Que levem para a frente os vossos Sonhos. Só assim alcançaremos o progresso. E espero que esse progresso seja extraordinário como o foi até hoje, nos próximos 50 anos.

Viva o 25 de Abril. Viva Portugal. Viva o Concelho de Nelas.

(Palmas)

Então dava a palavra agora ao Senhor João Paulo Guerra. Senhor Deputado Municipal. Faça favor tem palavra.

O Senhor Deputado João Paulo Guerra:

- Senhor Presidente da Câmara, Senhores Membros do Executivo, Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhores Presidentes da Junta da Freguesia Caros, Membros da Assembleia Municipal, Digníssimo Conselheiro de Estado. Público, Comunicação Social e demais Entidades. Bom dia. Aqui nos juntamos para comemorar os 50 anos da Revolução de Abril. Um dos momentos mais altos da Vida e da História Povo Português e de Portugal. Foi no dia 25 de abril de 1974 que o Povo Português emergiu de um dos mais negros períodos da sua história, um longo período imposto por uma criminosa ditadura fascista. Um período marcado pela repressão e de violência mortais, prisões, liberdades individuais e coletivas cortadas.

Pelo atraso económico, social, cultural e civilizacional, pelo analfabetismo, pela emigração em massa. Agravadas desigualdades sociais, a discriminação legal das Mulheres pela guerra, pela alta corrupção e pelo isolamento internacional, em contraste com a fortuna e a opulência de uma pequena minoria. Revolução, que é uma afirmação de liberdade, emancipação social de soberania e independência nacional. Revolução, cuja realização dos valores e ideais não só permanecem na Memória e no Coração do Povo Português que ama a liberdade.

A justiça e o progresso para todos e não apenas para alguns, como são um guia para ação na construção de um Portugal mais fraterno e solidário, mais livre, democrático e desenvolvido. Ao comemormos a Revolução do 25 de Abril não esquecemos e celebramos o ato generoso e valoroso dos Capitães de Abril, que nessa inoxidável madrugada, abriu as portas à Liberdade e à Democracia e que aqui hoje renovamos o nosso apreço e gratidão. Celebramos o esforço heroico da resistência antifascista,



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

abnegada dedicação à luta pela Democracia e Liberdade dos Democratas. A intensa luta de massas dos trabalhadores, dos intelectuais, da Juventude, do Povo Português. Celebramos o amplo e vigoroso levantamento popular que irrompeu nessa manhã de Abril. Que transformou o levantamento militar levantador do MFA em revolução, numa verdadeira revolução emancipadora assumida pelo Povo, pela Classe Operária, pelos Trabalhadores, pelos Intelectuais, por amplas camadas anti- monopolistas da Cidade e dos Campos que, com a sua ação, conduziram a profundas transformações económicas, sociais, políticas que se traduziram em grandes conquistas dos Trabalhadores e do Povo. Revolução, que instaurou a Liberdade e a Democracia, o Direito de Associação e de Manifestação da Constituição de partidos políticos no sufrágio universal e direto, a liberdade sindical, o direito à greve, à contratação e à negociação coletiva.

Promoveu a melhoria das condições de vida dos Trabalhadores e do Povo Português, institucionalizando o salário mínimo nacional, o aumento dos salários reais, das reformas e das pensões mínimas, a criação do Serviço Nacional de Saúde geral e gratuito. Alargamento do dinheiro e a da Segurança Social, o direito ao Ensino e à Educação livre e à Cultura. Revolução que construiu o Poder Local Democrático e Autonomia Regional. Esse Poder Local que expressa e assegura o direito do Povo a decidir sobre os problemas das suas terras e do seu desenvolvimento. Revolução que nos pôs fim às Guerras Coloniais e ao isolamento internacional do País, com estabelecimento de relações diplomáticas com todo o mundo. Conquistas que são essenciais para a vida do Povo Português nos nossos dias e ponto de partida para outros avanços. E, por isso, as continuamos a defender, traçando armas contra os que querem levar mais longe a sua destruição, mas também contra a mentira, contra a falsidade de uma reescrita da História que desvaloriza Abril e os seus construtores e contra todos aqueles que querem enclausurar Abril nos seus nobres valores no baú do esquecimento. Esses valores da liberdade que são Abril pertencem ao povo e ao indivíduo. Os valores da emancipação social e os valores da natureza do Estado, concebidos para responder aos interesses e necessidades do Povo e do País. Em oposição, a concepção do Estado como instrumento de exploração a favor de uma minoria de grupos económicos. Para ele, coerção, perpetuar e exploração. Os valores do desenvolvimento visando a melhoria da qualidade a nível do nível de vida dos portugueses, o pleno emprego, a justa e equilibrada repartição da riqueza nacional. Os valores da dignificação e valorização do trabalho dos Trabalhadores e dos direitos sociais universais, como os da Saúde, da Educação e da Proteção Social da Cultura. Os valores da Paz, da Independência como espaço da liberdade, identidade e soberania, soberania. Valores que emanam das suas grandes conquistas e viabilizações, que são também valores de participação e intervenção de todo o povo, da definição e no traçar do seu futuro. Valores que são património, realização, inspiração para a ação de que justamente aspiram a uma vida melhor numa sociedade mais justa. Valores que se reconhecem na Constituição da República, aprovada a 2 de abril de 1976 e na Democracia que ela projeta, ou são inseparáveis e complementares, as dimensões política, económica, social e cultural. Não só tratou apenas das cíclicas operações que visavam branquear a natureza terrorista da ditadura fascista e que ainda hoje permanecem para culparem e diabolizar quem defendia a revolução e, com isso, encobrir a sua própria ação conspiradora e contra revolucionária para travar e derrotar Abril. Consequências, bem expressas, em problemas que se prolongam no tempo e hoje subsistem. Baixos salários e baixas reformas, com o empobrecimento de largas camadas da população, precaridade



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

laboral, exploração e desigualdades sociais. Graves deficits estruturais com relevo para a produtiva criação e destruição das funções sociais do Estado, nomeadamente na Saúde e submissão a grandes potências e aos seus interesses. Não é Abril que pode ser responsabilizado pelas dificuldades existentes, pelos problemas que o Povo enfrenta, mas sim quem governou ao arripio dos seus valores, destruindo conquistas, fechando muitas portas que Abril abriu, as portas do desenvolvimento e do progresso com justiça social. Hoje a campanha de depreciação de Abril aproveite este tempo de cinquentenário, não só para repisar as linhas de Abril, que vêm do passado, mas para ir mais longe na sua desvalorização, como o projeto que é parte de uma vida do presente e arquitetar e construir o futuro. Falam-nos neste tempo de comemorações da necessidade de abrir um novo ciclo com novas ambições, dando como o fim de um ciclo de Abril. Querem fazer crer que Abril é coisa do passado para colocar em móvel no canto da História. O nosso Povo não deixará passar a arrogância dos apologistas do passado e está na rua por todo o país a reafirmar que Abril vive e viverá.

A afirmar que Abril é mais futuro. Abril está por todo o País a assinalar o seu sentido transformador e revolucionário nos diversos domínios da nossa vida coletiva. Abril está na rua a confirmar o seu apego de ideias, liberdade, justiça e progresso social, soberania nacional e paz que permaneçam vivos na Memória e na vontade dos portugueses. O nosso Povo não deixará passar a arrogância dos apologistas do passado e está na rua por todo o país a reafirmar que Abril viverá vive e viverá a afirmar que Abril é mais futuro. Viva o 25 de Abril.

(Palmas)

O Senhor Presidente da Assembleia:

- Muito obrigado Senhor Deputado. Tem a palavra o Senhor Deputado Augusto Borges da Silva. Faz favor?

O Senhor Deputado Augusto Borges da Silva:

- Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhoras e Senhores Deputados, Excelentíssimo Doutor Marques Mendes, muito nos honra com a sua presença, Excelentíssimos Senhores Representantes das Forças de Segurança, das Associações, dos Bombeiros, mais Representantes da sociedade civil, Excelentíssimas Senhoras, Excelentíssimos Senhores.

Muito bom dia a todos. É um orgulho, tanto e tão grande como uma responsabilidade, falar-vos nesta data em que se celebram 50 anos sobre o dia maior da Democracia, o dia maior do Povo Português, 50 anos de luta, de mudança de conquista, 50 anos de oportunidade, 50 anos de voz, 50 anos de liberdade, 50 anos sobre a tomada do Poder e do Estado por uma força libertadora, 50 anos sobre a marcha a Lisboa de um Movimento Revolucionário, 50 anos sobre o forçoso e forçado romper dos grilhões que roubavam e reduziam um Portugal, não mais, nunca mais, orgulhosamente só. Neste mesmo dia, há 50 anos, naquela também quinta-feira, 25 de Abril, os Militares que assumiam as armas e o poder do uso da força negaram a tirania e o monopólio centralizado da expressão da vontade popular, desobedecendo a quem se arrogava sua representante e exercendo diretamente um mandato confiado a si da defesa do Povo e da defesa dos portugueses. Nesta investida e na certeza que o Estado instituído não mais era nutrido pelas legitimantes raízes do consenso popular e que antes era estrangulado e desvirtuante da sua expressão, o Movimento das Forças Armadas rasgou a pretensa Convenção social



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

e despiu o Estado dos poderes, que qual o dia, vinha ilegal e ilegitimamente, usando parasitamente contra o seu próprio Povo e contra as suas próprias gentes. O seu propósito era claro, e a sua missão era evidente. Como anunciou o Movimento das Forças Armadas na manhã revolucionária e depois o General Spínola na Proclamação da Junta de Salvação Nacional, este era um Movimento com o singular propósito de libertar o povo português e devolver-lhe as liberdades cívicas de que vinha sendo privado. O que devemos a Abril, portanto, não é senão a garantia de uma dimensão mínima da nossa própria humanidade, uma humanidade que nos foi tirada por um Regime que nos oprimia e que nos usava e que foi neste dia há, precisamente, 50 anos atrás, restituída. Mas mais do que a queda de um Governo ou de um Regime, o legado de Abril é simples e, claro. Ele é, na sua essência, o investir no Povo, o investir do Povo em liberdade, o investir de um Povo de direitos e garantias que não só lhe permitem habitar em liberdade a substância do tempo, como lhe conferem as prerrogativas de defesa e de uso direto da força necessárias à proteção de sua condição singular e que confiam a cada português a salvaguarda da democracia e da sua identidade colectiva. Abril, portanto, começou há 50 anos. Mas não se fez nessa data. Abril vem-se fazendo todos os dias e com cada um de nós. Abril vem-se fazendo nas Instituições que legitimamos Centrais e Locais. Abril vem-se fazendo nos jornais. Abril vem-se fazendo nas universidades, escolas e outros ensinos mais. Abril vem-se fazendo na saúde. Abril vem-se fazendo na velhice. Abril vem-se fazendo na Justiça Abril vem-se fazendo na guerra e Abril vem-se fazendo na paz. Abril vem-se fazendo em Portugal e Abril vem-se fazendo no mundo. Abril existirá enquanto Abril se fizer. Abril existirá enquanto Abril se quiser fazer. E se é certo que Abril se se vem fazendo, não é líquido que Abril sempre se se fará. E há tanto Abril para fazer. Falta Abril na dignificação das Instituições. Falta Abril na descentralização político partidária dos centros de decisão. Falta Abril na inclusão das Comunidades e Etnias. Falta Abril na integração e na emigração. Falta Abril nos direitos humanos. Falta Abril na descentralização do poder e na localidade da decisão. Falta Abril na promoção do interior. Falta Abril nos transportes. Falta Abril na habitação. Falta Abril nos direitos das Mulheres. Falta Abril na sustentabilidade. Falta Abril no ambiente. Falta Abril em Nelas. Falta abrigo em Portugal. Ainda há tanto Abril por fazer. Façamos Abril. Continuemos a fazer Abril. Mas façamos Abril em Abril e não à sua custa. É esse o compromisso que vos peço e é esse o compromisso que vos deixo com 25 anos de idade, mas com 50 anos de Abril, farei Abril, façamos Abril. Viva o 25 de Abril. Viva o Concelho de Nelas. Viva Portugal. Viva a liberdade.

(Palmas)

O Senhor Presidente da Assembleia:

- Obrigado, Senhor Deputado Augusto Borges da Silva. Dava a palavra agora ao Senhor Deputado João Alfredo.

O Senhor Deputado João Alfredo Ferreira:

- Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal. Excelentíssimo, Senhor Presidente da Câmara Municipal. Excelentíssimos Senhores Membros da Assembleia Municipal e neste particular, saúdo, especialmente os Senhores Presidentes da Junta de Freguesia, um pilar essencial na democracia. Excelentíssimo Senhores Vereadores da Câmara Municipal. Excelentíssimo Senhor Doutor Marques Mendes, Ilustre Convidado e Digníssimo Conselheiro de Estado. Excelentíssimo Senhor Comandante dos Bombeiros Voluntários de Nelas. Excelentíssimo Senhor Comandante



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim e na vossa pessoa, cumprimento todo o vosso Corpo Ativo. Entidades aqui presentes. Minha Senhoras e Meus Senhores. Comemoramos hoje os 50 anos da Revolução dos Cravos, concretizada pelo Movimento das Forças Armadas a 25 de Abril de 1974, que derrubou um Regime Autoritário de 48 anos e traçou 3 objetivos: democratizar, descolonizar e desenvolver. Dos 3 objetivos, concretizou-se a possível, à época, a descolonização. Enquanto, que os outros 2, democratizar e desenvolver, se encontram em permanente construção, com avanços e recuos, mas com democracia e o desenvolvimento. Hoje somos confrontados, os primeiros, resultando, por vezes, de uma promiscuidade entre si e o poder político. Mas nem sempre tudo o que é lícito, é honesto. Enquanto, que a classe média é aquela que tem maior, urge rever, hoje, os modelos de qualidade que permitam colocar o País na senda do progresso. Culpar, como alguns pretendem a revolução do 25 de Abril, pelos males de que sofre a Sociedade Portuguesa, é demagógico e errado. Os males são frutos da nossa incapacidade e falta de vontade para fazermos mais e melhor: Na educação, pilar essencial na formação do cidadão; Na saúde; Nas desigualdades sociais; No combate à pobreza; Na criação de emprego e salário justo; No combate às alterações climáticas; na procura da paz, no respeito pelo outro, no desenvolvimento do país, em consonância com a Comunidade Europeia. Só assim atingiremos uma sociedade mais justa, tolerante, igualitária, em suma, uma sociedade melhor. Cinquenta anos depois do 25 de Abril – Dia da Liberdade – é da mais elementar justiça prestar aqui homenagem a todos os portugueses esquecidos que, voluntariamente, combateram pela liberdade e democracia aquando da Segunda Guerra Mundial, ao lado dos Aliados integrados nos RMVE (Regimentos de Marcha de Voluntários Estrangeiros) e no REI - Regimento de Estrangeiros de Infantaria) da Legião Estrangeira. A minha singela e justa homenagem a todos os Militares de Abril, Soldados, Sargentos e Oficiais do Quadro Permanente e Milicianos. Bem como a todos os Governantes, Personalidades que fizeram crescer em cada um de nós a assunção da cidadania plena. Realço alguns, cujo contributo foi fundamental no e após o 25 de Abril. General António Ramalho Eanes e Doutor Mário Soares, na estabilização e normalização do processo revolucionário em curso e transição para a Segunda República. Doutor Francisco de Sá Carneiro, cujo pensamento e ação política desenvolvida deve ainda hoje ser objeto de estudo e meditação. Saliento de entre muitas, uma das suas citações: É essencial que os partidos, as pessoas, os movimentos, as associações, assumam as suas responsabilidades e ponham de parte o clima de ataque demagógico e irresponsável. Doutor Francisco Lucas Pires, desaparecido, prematuramente, que muito tinha dar ainda à nossa democracia, cujo pensamento assentava em que o homem deve ser colocado acima do Estado, o homem como unidade política primordial, essencial, não apenas limite, mas centro da organização e da decisão política, em que é o Estado que se deve humanizar e não um homem a estadualizar. O meu apreço e homenagem ainda a 2 políticos que, cada um à sua maneira, foram também importantes no início da nossa Democracia. O Doutor Freitas do Amaral e o Doutor Álvaro Cunhal. Termino, homenageando aquele que foi o rosto da Revolução de 1974, o Capitão de Abril Salgueiro Maia, citando um poema de Manuel Alegre, o seu livro. Chegar aqui: Eu vi Abril por fora e Abril por dentro. Do Abril que foi e Abril de agora. Eu vi Abril em festa e Abril lamento Abril como quem ri, como quem chora. Eu vi chorar Abril e Abril partir. Vi o Abril de sim e o Abril de não. Abril que já não é. E como tudo mais, contradição. Vi o Abril que ganha e o Abril que perde. Vi o abril de Abril, que foi



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

Abril e o que não foi. Eu vi Abril de ser e de não ser. Abril de Abril, vestido Abril tão verde, Abril de Abril despido Abril que dói. Abril já feito e ainda por fazer. Viva o 25 de Abril. Viva o Concelho de Nelas. Viva Portugal.

(Palmas)

O Senhor Presidente da Assembleia:

- Muito Obrigado Senhor Deputado João Alfredo Ferreira. Dava agora a palavra ao nosso convidado de honra, Senhor Doutor Luís Marques Mendes.

O Senhor Dr. Luís Marques Mendes:

- Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhoras e Senhores Deputados da Assembleia Municipal dos vários partidos que a integram, Senhoras e Senhores Vereadores, Caros Autarcas, Presidentes de Juntas de Freguesia do Concelho de Nelas, Mais autoridades. Minhas Senhoras e meus Senhores. Eu queria começar esta minha intervenção por 2 palavras prévias. Uma é agradecimento. E outra é homenagem. Primeiro, queria agradecer de uma forma muito especial ao Senhor Presidente da Câmara, ao Senhor Presidente da Assembleia Municipal, o convite para aqui estar e sobretudo esta oportunidade, para mim é um privilégio de poder partilhar hoje convosco, aqui em Nelas, no Interior de Portugal, o que também tem muito significado, os princípios, os ideais e as esperanças que há 50 anos foram abertas. É com muito gosto que eu, podendo estar nesta altura na Assembleia da República, estarei nas cerimónias logo à tarde. Mas fiz esta opção de estar aqui convosco. É um prazer. Já em anos anteriores, segui o mesmo princípio e é um gosto imenso estar convosco. Aqui também é Portugal e aqui também se homenageia o 25 de Abril. Depois, queria fazer uma homenagem. A homenagem que eu queria fazer aqui em Nelas é a todos os Autarcas que ao longo destes 50 anos serviram o Concelho. De todos os partidos, à direita ou à esquerda.

Os que serviram na Câmara Municipal, os que serviram na Assembleia Municipal e os que serviram nas Juntas de Freguesia. Ser autarca é a atividade mais nobre que uma pessoa pode desempenhar na vida porque é política em geral. E a política é Serviço Público. Mas porque aqui numa autarquia é um Serviço Público de proximidade que tem uma lógica de razão e declaração mais forte, mais acentuada. E, por isso, se Nelas, hoje, é um concelho que continua pequeno. Mas é um concelho harmonioso. Bonito. Bem estruturado. Com uma dinâmica industrial muito forte e muito mais forte do que é habitual num Concelho do Interior. Se é um concelho que vai conseguindo ao longo dos anos não perder população. Se é um concelho com muito mais justiça social do que era há 50 anos. Isso deve-se ao trabalho notável, acima de tudo, os seus Autarcas. E daí esta homenagem que faço. Aos Autarcas de hoje, aos Autarcas de ontem, aos Autarcas deste partido ou daquele, todos, sem exceção, todos fizeram, seguramente, o seu melhor e todos merecem esta homenagem. Hoje é um dia, como já foi aqui dito e bem pelo Senhor Presidente da Assembleia Municipal e pelos Senhores Deputados que intervieram, hoje é um dia muito especial. Estava a ler esta manhã um texto com muita graça. Dizia a história fez-se há 50 anos, 50 anos depois, estamos a fazer a festa. É, de facto, um momento muito inspirador. Talvez o momento mais inspirador do ponto de vista cívico e político da nossa história contemporânea, porque foi um momento da nossa autodeterminação cívica e política. Eu recorro esse momento com uma forma muito, muito especial porque eu sou uma espécie de filho político do 25 de Abril.



Estava a acabar o antigo Liceu quando, nessa quinta-feira, foi também uma quinta-feira que se deu o 25 de Abril e a minha vida mudou toda a partir daí. Toda. Teria sido uma e foi outra completamente diferente. Aos 19 anos, era Autarca. Vice-Presidente da Câmara da minha Terra nas primeiras Eleições Autárquicas. Tudo mudou enquanto ao mesmo tempo ia fazendo o meu curso. Eu sou. Politicamente, um filho do 25 de Abril. Talvez por isso goste muito deste momento, desta data, do que ela significa e do que ela representa. Mas acho que não sou eu. Somos todos à esquerda, ou à direita. Toda a gente percebe um momento especial. O acontecimento inspirador, o privilégio que foi poder assistir, poder participar e poder homenagear essa viragem histórica num país que tem séculos e séculos de história. Sejamos francos e diretos. Há 50 anos também nós, os que já então vivíamos, também nós gostávamos de Portugal. Mas Portugal, o nosso país era uma espécie de tesourinho deprimente há 50 anos. Um país profundamente rural e pobre. Um país profundamente atrasado e sobretudo injusto. Um país marcado por uma guerra colonial que, para além de consumir grandes recursos financeiros, consumia pessoas.

Consumia jovens. Que era uma ansiedade, uma angústia para o jovem e para a sua família. Um país completamente isolado na cena internacional, isolado da Europa, isolado do mundo. Um país que vivia uma situação que hoje, nós, olhando para trás, pensamos quase de ficção científica. Alguém que pensava pela sua cabeça podia pagar um preço. Alguém que ousava ter opinião diferente da opinião oficial, podia ser preso. Uma eleição que é um sal e pimenta do funcionamento normal de uma sociedade, uma eleição era uma farsa. Durante anos, Mulheres e Mulheres e Mulheres eram proibidas de votar. Um tesourinho deprimente. O país continuava a ser motivo de orgulho porque era nosso país, a nossa pátria, a nossa nação. Mas o regime era absolutamente detestável e censurável. Portugal era então já uma das pouquíssimas, pouquíssimas, só 3, ditaduras em toda a Europa Ocidental.

Por um instante seríamos a última a cair. E é por isso que essa mudança histórica que aconteceu é qualquer coisa que fez história na altura e que nos leva a celebrar hoje, hoje e sempre. Porque são coisas simples, mas são coisas de uma transcendência impressionante, aquilo que nós alcançámos. O direito a ser livres, qualquer coisa de óbvio e natural, o direito à democracia que o mesmo é dizer, a soberania plena. O de escolher nosso presente, de decidir o nosso futuro. Algo tão natural como a água que nós bebemos. O direito ao desenvolvimento, a sermos um país, mais, com maior crescimento. Um país mais evoluído. Um país mais desenvolvido. Um direito a sermos um país europeu. E que se estamos hoje na Europa, devemos à Democracia. Sem Europa, não estávamos na Democracia. Ou seja, há aqui, de facto, um Balanço que não é meramente conjuntural. É um Balanço que é estrutural, que é estratégico, que é de fundo. Em cada momento tem mais ou menos avanços, um ou outro recuo. Mas, estruturalmente, a liberdade, o desafio, o direito à soberania, ao desenvolvimento, à credibilidade internacional são dados adquiridos. E são dados importantes. Mas, se me permitem, caros amigos, gostava de me centrar um pouco em 3 conquistas que considero das mais decisivas da Revolução de Abril. Já não falo da Liberdade e da Democracia e dos direitos políticos. Falo, sobretudo de 3 outras realidades. A primeira na Saúde. No domínio social. O Coração do domínio social. Para recordar o seguinte: Esta é uma questão que tem que nos unir da direita à esquerda. Para as pessoas que têm ideologia. Ou que a não têm. Vale sempre a pena recordar que há 50 anos morria-se em Portugal por falta de dinheiro para pagar uma cirurgia. Quem tinha dinheiro, tinha saúde. Quem não tinha dinheiro, tinha um pesadelo.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

E é por isso que a Democracia e a Liberdade permitiram que, poucos anos depois, houvesse um Serviço Nacional de Saúde. Pode ter falhas. Pode ter erros. Pode ter dificuldade de acesso, como todos nós sabemos. E tudo isso é importante e deve ser melhorado. Mas há uma coisa, absolutamente, indispensável: Pobre, ou rico, passou a ter acesso ao Serviço Nacional de Saúde genérico, universal e gratuito. Isto faz a diferença toda. Não há maior pesadelo para uma família ou para um qualquer cidadão que estar dependente de ter posses para poder ajudar a resolver a sua saúde. Que uma pessoa não possa resolver o seu problema de saúde por um problema de natureza médico clínico. O tecnológico é outra questão. Agora que eu não possa resolver por falta de dinheiro para fazer uma cirurgia, designadamente, uma cirurgia sofisticada, isso é a maior das injustiças. Só por isso o 25 de Abril já tinha valido a pena. Já não apenas a Liberdade e a Democracia que estão acima de todas as conquistas, mas o Serviço Nacional de Saúde, mesmo com falhas, é uma conquista importantíssima daquela que nos deve unir. Podemos divergir na melhor forma de dirigir, gerir e organizar o Serviço Nacional de Saúde e é bom termos sempre opiniões diferentes. A Democracia é isso mesmo. Mas une-nos esta ideia de uma saúde mais justa e de uma saúde de acordo com a qualidade que o País exige. O mesmo se diga no domínio da Educação. Eu tinha 16 anos quando se deu o 25 de Abril. Poucos anos antes, tinha saído da antiga Escola Primária onde tive jovens de muito talento e qualidade. Mas vi como, certamente, aqui alguns viram, mas vi jovens, meus colegas, na antiga escola primária, uns anos antes do 25 de Abril, a terem feito a Escola Primária e, apesar de terem tido grande talento, a saírem para trabalharem muito cedo por falta de posses e de condições do seu agregado familiar para continuar a estudar, quiçá a fazer um curso, quiçá a ser um jovem qualificado. Escolaridade obrigatória, durante anos, 4 anos, na parte final do regime, 6 anos. O que significava, em grande medida, que a escola é uma ferramenta indispensável do ponto de vista da aproximação e do combate às desigualdades sociais, também aí falhava. E falhava muito. Não garantia o primado da igualdade de oportunidades. Primeiro, quantos jovens conseguiram tirar um curso superior com sacrifícios brutais, brutais, a suas famílias? Mas mesmo quantos outros jovens não conseguiram mesmo assim tirar um ensino superior porque tinham que ir precocemente trabalhar. Já não é apenas dizer que há 50 anos tínhamos quase 1.800.000 analfabetos. Mais do que isso, porque esse é um dado estatístico que encobre uma realidade feia. O que está por trás disto é, sobretudo a desigualdade, a injustiça, a falta de equidade. Destrinça na Educação de se fazer o ter, ou não ter posses. A destrinça tem que se fazer, por ter, ou não ter talento. E a terceira grande conquista está aqui à frente de todos: É o Poder Local. É uma das grandes conquistas do 25 de Abril. Não é talvez a mais valorizada, a mais invocada, a mais homenageada. Mas é das mais profundas. E falo com este à vontade. Eu tive um privilégio fantástico na minha vida. Como já disse, nas primeiras eleições autárquicas de dezembro de 1976 fui eleito Vice-Presidente da Câmara da minha Terra. Não é muito diferente da vossa. É mais a Norte. Mas também padece de um conjunto de problemas muito semelhantes aos vossos. E durante aquele primeiro mandato, que é o primeiro mandato a seguir ao 25 de Abril, faltava tudo. No Concelho, como seguramente acontecia também aqui e em vários outros concelhos de Portugal. Populações com água canalizada era uma minoria. Casas com saneamento, outra situação residual. Faltava eletricidade na maior parte dos locais. Encontrar uma estrada asfaltada, pavimentada, era quase uma agulha num palheiro. Já para não falar da falta de um pavilhão, uma piscina, um equipamento cultural. Isso, então, era qualquer coisa do



domínio da fantasia. Faltava tudo. O país era mesmo muito pobre. O país estava mesmo profundamente atrasado.

E, todavia, já havia União Europeia. Já havia países que no pós-guerra se desenvolveram como podia e devia ser. E o Poder Local, a partir daí, cheio de dificuldades, com enorme inexperiência, porque ninguém, verdadeiramente, tinha experiência, nem de política, nem de gestão autárquica. Mas, com muita paixão, com muita emoção, com muito entusiasmo, com muito trabalho, a pouco e pouco, ia-se dando resposta e satisfação aos anseios das pessoas. E, por isso é que temos várias fases no Poder Local. Essa primeira fase, durante vários anos: Satisfação das condições de vida das pessoas. Uma segunda fase, mais a seguir, passarmos das condições de vida para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, equipamentos sociais, culturais, desportivos.

E mais nestes últimos anos, além de condições de vida e de qualidade de vida, é também o Autarca, que passou a ser um Agente ativo da criação de riqueza, da criação de emprego, da captação de investimento, ou seja, de empreendedorismo e de condições de futuro. Tem várias fases este Poder Local Democrático. Mas tem esta coisa em comum: Autarcas de esquerda, ou Autarcas de direita são, absolutamente, indispensáveis, indispensáveis. Foram-no, são e serão no progresso das populações. Isto não tem preço. O poder nacional, seguramente, tem uma enorme mais-valia. Mas a grande evolução que hoje em dia se vê de Norte a Sul do País, de progresso, de desenvolvimento, de condições de vida, de qualidade de vida, mesmo de gestão correcta, do elevador social tem a ver com os Autarcas. São de um hemisfério A, ou do hemisfério B, do partido A, ou do Partido B, são autarcas. Têm todos a mesma preocupação. Não devemos, portanto, fazer a destrição, tanto de natureza partidária, mas a distinção de natureza política. São autarcas. E há outros que o não são. E ser-se Autarca é uma causa. Ser-se autarca é um Serviço Público. Ser-se autarca é a ajuda indispensável para tornar mais felizes as populações que ainda têm alguma infelicidade. E quando falo de Autarcas, falo de um Presidente da Câmara. Falo dos Vereadores. Mas falo de uma forma também muito especial que são os Autarcas das Freguesias. Não são notórios. Mas são notáveis. Não são notórios no sentido que não têm visibilidade mediática, mas são notáveis no exemplo que dão e no trabalho que fazem. E é por isso que hoje vos quero dizer, caros amigos, que acho que estes 50 anos, pese embora possa ter sempre ter existido erros, falhas, insuficiências, deficiências, é impossível não haver, a realidade é humana, o 25 de Abril foi feito por homens, a governação democrática é feita por Mulheres e por Homens e, portanto, por seres humanos, é natural que haja falhas. É sempre aquela ideia de ver o copo meio cheio, ou meio vazio. Eu prefiro vê-lo meio cheio, até mais do que meio cheio. Basta pensar que sem o 25 de Abril não estávamos na Europa. E não estando na Europa, não tínhamos a ajuda de fundos europeus. E sem fundos europeus, o nosso desenvolvimento não teria as condições, os níveis, os resultados que têm hoje.

Podemos mesmo assim ainda queixar que é curto, com certeza. Mas é muitíssimo melhor do que se tivéssemos sem democracia, sem Europa e sem a solidariedade dos Europeus.

E é por isso também, caros amigos, que hoje vale a pena também fazer esta reflexão. Hoje já não temos felizmente um problema de Democracia. Mas temos algumas ameaças sérias à Democracia que temos. Ou seja, temos um problema aqui, ou acolá de perda de qualidade da Democracia. Por um lado, são os riscos dos radicalismos. Temos hoje em Portugal, mas também em toda a Europa, uma sociedade bastante radicalizada.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

Não é um fenómeno português apenas, é um fenómeno europeu. Mas não é um fenómeno muito positivo, nem muito saudável. O radicalismo, verdadeiramente, nunca resolveu problema nenhum. E nós temos que sim, acentuar o direito à diferença porque a democracia é mesmo direito à diferença, a pensarmos de maneira diferente. Mas a fazê-lo com a coragem de podermos ser moderados e estruturados. É mais importante a coragem da moderação do que a facilidade do radicalismo. Temos problemas também de desinformação. Hoje em dia, a facilidade com que circula má informação, informação errada, que ajuda, de facto, a perturbar, a complicar, o funcionamento da democracia. É um problema sério que exige pedagogia, que exige rigor, que exige monitorização, ou se quisermos, em terceiro lugar, o risco do populismo que hoje em dia está um pouco por todo o lado, por toda a Europa e mesmo fora da Europa. E que é de facto, também é um problema sério com a qual não há nenhuma solução milagrosa. Mas há que dizer também que a melhor forma de combater os populismos, sejam de direita, sejam de esquerda, é sempre ajudar a resolver os problemas das pessoas. Se se governar bem, seja no plano local, seja no plano nacional. E se se governar bem significar ir resolvendo os problemas das pessoas, dos mais velhos, dos jovens, da classe média, das Mulheres, dos vários setores da sociedade. Se as pessoas tiverem a consciência que o país está a ser bem governado, local ou nacionalmente e a ter bons resultados, aí o populismo reduz-se, combate-se. Combater o populismo não é tanto, portanto, uma questão de retórica. É uma questão de ação. Não é tanto uma questão de semântica, é, sobretudo, uma questão de resultados. É nisso que nos devemos concentrar. As pessoas, o que querem hoje para avaliar se a Democracia está em bom nível, ou está em baixo nível, são os resultados concretos e as oportunidades. E é por isso que também, queridos amigos, que acho que hoje decisivo é homenagear o passado. É fazer o Balanço destas 5 décadas históricas de liberdade e Democracia. Mas como dizia, há poucos dias, publicamente, na televisão, o General Ramalho Eanes, já aqui invocado. Ele que foi o primeiro Presidente da República, eleito em Democracia. Ele, que é, aos 89 anos, uma das referências morais, cívicas e políticas mais importantes da nossa sociedade portuguesa, dizia ele, que hoje celebrar Abril é, sobretudo pensar no futuro. E é com o futuro que eu gostava de concluir esta minha intervenção, para vos deixar três mensagens muito simples, simples, mas importantes. A primeira mensagem está centrada na palavra ambição. Para termos futuro no futuro, com força, com propriedade e com resultados, nós temos que ser cada vez mais um país com ambição. Não é apenas a nossa ambição individual da nossa vida pessoal, na nossa vida profissional, embora também seja importante. É uma pessoa que quer subir na vida. É o chamado elevador social. Mas é a ambição como país. Nós, como país, temos que sair um país com muito mais ambição do que hoje em dia temos. E temos que acabar com alguns defeitos que fazem parte da nossa cultura, da nossa maneira de ser, do nosso ADN. Passamos muitas vezes a vida a dizer, somos um país pequeno com quem diz. Sendo pequeno, não temos grandes condições para ter sucesso. Quero que saibam a sua o seguinte: Nada de mais injusto e nada de mais errado. Primeiro, porque dentro da Europa de que fazemos parte da União Europeia, nós não somos um país pequeno. Somos um país médio. Em território, em espaço e em população. Há países muito mais pequenos do que nós na União Europeia e não se queixam disso. Segundo, porque mesmo para aqueles que teimam na ideia de sermos um país pequeno, convém dizer-lhes o seguinte: Se acham, embora erradamente, que são um país pequeno, é caso para vos dizer que



dentro da Europa há Países que são muito mais pequenos do que nós e que são grandes exemplos de crescimento, de competitividade e de justiça social.

Olhamos para a Irlanda, muito mais pequeno do que nós. Cresce há anos muito mais do que nós. Olhemos para a Dinamarca, muito mais pequeno do que nós. Lidera há vários anos todos os rankings de competitividade e de justiça social à escala global, não é à escala Europeia. O que significa que pequenez não é sinónimo de irrelevância. Pode ser pequeno, ou médio e ter-se um grande sucesso. Pode ser pequeno, ou médio e ter grandes resultados. O importante é termos a ambição, a qualidade, a vontade, a disciplina e o trabalho para lá chegar.

E está ao nosso alcance fazer isso. Sobretudo, porque nós temos que passar a ter orgulho, não apenas daquilo que fazemos, mas também daquilo que somos. País médio para mim, país pequeno para outros. Mas Portugal dá cartas no plano internacional pelo seu prestígio e pela sua credibilidade. Quais são os países pequenos, ou médios que conseguem ter um Português, de ter um cidadão seu a Secretário-Geral das Nações Unidas? Ou já antes, a Diretor da Organização Mundial das Migrações? Ou já antes como Presidente da Comissão Europeia? Ou antes ainda, como Presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas? Há países muito maiores do que nós que nunca tem este privilégio. E todavia, nós muitas vezes não valorizamos aquilo que fazemos e aquilo que somos. Olhamos, aqui ao lado para os nossos vizinhos espanhóis. E eles acham que tudo o que é feito em Espanha é bom e que tudo quanto vem do exterior é mau. Nós, em Portugal, muitas vezes, fazemos o oposto. O que é feito cá dentro parece que não tem importância e só vale a pena contar com aquilo que vai lá de fora. Não pode ser. Não podemos estarmos a autoflagelar. Pelo contrário, temos estar a valorizar aquilo que fazemos. E se um alemão tem uma capacidade de planeamento que nós não temos, também vale a pena recordar, quando uma máquina, numa empresa, falha a um técnico alemão, ele nem sabe o que fazer, mas um português tem a capacidade de desenrascanço nacional para resolver o problema. Nós não valorizamos isto. Mas temos que valorizar. Dir-se-á: É com isto que nós vamos resolver os problemas? E eu respondo: Sim, com outra atitude, com outra confiança, com outro espírito de iniciativa e com espírito empreendedor. Como temos que ter cada vez mais unidade e coesão interna, a coesão territorial, sem dúvida que já foi pior. Mas ainda tem problemas internos grandes a coesão territorial, sobretudo entre as grandes cidades e as pequenas localidades, entre o litoral e o interior, tudo isso. Temos de ter em atenção. Mas agora falava da nossa unidade e coesão social e política. Temos também que valorizar e sobretudo dizer a todos o seguinte: Mesmo numa sociedade como a nossa, que é sempre um bocadinho radicalizada do ponto de vista político, nós temos que ter a humildade de dizer que todos são importantes, todos. Os que estão no Poder e os que estão na Oposição. No plano nacional, ou no plano local, os que são mais felizes porque ganham eleições ou os que estão menos felizes porque não ganham eleições, todos são importantes. No final do dia, precisamos de trabalhar com todos.

E, portanto, não podemos pôr ninguém de lado. Todos são indispensáveis, até porque a Democracia tem esta coisa extraordinária: Não há vitória que não termine em derrota. Temos que ter a humildade de servir e não estarmos deslumbrados por estar no Poder. O importante é ter resultados e ter trabalhado, e trabalhar em conjunto. Todos são importantes, todos. Claro que é importante que cada um pense na sua maneira. Mas todos são importantes. E, finalmente, para além de ambição e de coesão, esperança. António Guterres dizia há uns anos e bem, com toda autoridade, com toda a propriedade, que as



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

peessoas não são números. E não são. E se, às vezes, contribuem para as estatísticas, por trás das estatísticas, está uma pessoa. E hoje ainda há pessoas, mais jovens, menos jovens, a quem vai faltando Esperança. E nós temos que ser, os que estamos um pouco mais activos, ou com melhores condições para influenciar e para agir, temos que ser cada vez mais fatores de Esperança. Se alguém está em desesperança há que combater a desesperança. Se alguém está desiludido, há que criar uma nova expectativa. Esperança é essencial. Ambição no país. Coesão entre nós. Esperança no futuro. Ou se quisermos na linguagem, já aqui invocado também não só de António Guterres, mas de Sá Carneiro: Temos que ser um país em que os mais velhos tenham mais presente e os jovens tenham mais futuro. E eu tenho a certeza e com isso, concluo que tudo isso é possível. Como foi possível o que fizemos em 50 anos da democracia. Quase ninguém em Portugal dá valor a isto que vos vou dizer: Nós fizemos 3 coisas em 50 anos. Democratizar, descolonizar e desenvolver. Há países na Europa, para quem leu um bocadinho de livros de história, em que vários países da Europa fizeram estas 3 coisas em vários séculos. Nós fizemos em menos de 50 anos. Nós fizemos em menos de 50 anos, como em 1975 integramos quase um milhão de portugueses que vieram das antigas colónias, os chamados retornados e que em qualquer país do mundo seria uma convulsão social. Aqui foi um problema, mas um problema que se resolveu integrando-os. E bem. Ou seja, nós temos uma capacidade, perante uma crise, a vencer. Como também tivemos nos últimos anos. Vejamos até uma crise que dividiu profundamente o país, e não, não fuçamos a nada. A crise da troika dividiu profundamente o país. Mas vencemos a crise, com dificuldades, com sacrifícios, Com erros, porventura, do país, não sei. É esta capacidade que nós temos e que outros não têm. E que nós devemos valorizar e que não valorizamos. E que tem muito a ver com a nossa cultura do antes do 25 de Abril. Esta desvalorização, mas nós temos é que pegar na cultura que estamos a instituir depois do 25 de Abril. A melhor forma, de facto, de homenagear Abril é falar dele, sem dúvida. Mas é, sobretudo, seguirmos o exemplo que abriu nos deu, de sermos uma sociedade, verdadeiramente, com total autodeterminação cívica e política, com soberania plena. E isso implica sermos um país adulto em todas as dimensões: Cívica, Política, Cultura e Social.

Bem hajam por esta oportunidade de eu ter privilegiado convosco aqui no interior de Portugal o 25 de Abril. Ele também se fez por estas terras por estas regiões. E os portugueses que aqui vivem, que sois todos vós, não são menos portugueses que os portugueses de Portugal inteiro. Muito obrigado.

(Palmas)

O Senhor Presidente da Assembleia:

- Então, depois da intervenção brilhantíssima do nosso convidado de honra, Senhor Conselheiro de Estado, para encerrar esta parte das comemorações, dava a palavra ao Senhor Presidente da Câmara.

O Senhor Presidente da Câmara, Dr. Joaquim Augusto Alves Amaral:

- Muito bom dia a todas e a todos. É um gosto, é um privilégio imenso, acolher-vos e receber-vos nesta cerimónia solene, que celebra o momento maior do nosso País, de Portugal, a comemoração dos 50 anos do 25 de Abril.

Permitam-me que antes, naturalmente, cumprimento o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Doutor José Albuquerque Vaz e na sua pessoa também a Mesa que o acompanha. Naturalmente um cumprimento à Senhora Vice-Presidente e aos Senhores Vereadores. Um, em particular aos Senhores Deputados da Assembleia



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

Municipal. Em particular, também, aos Senhores Presidente da Junta de Freguesia, nós que comemoramos também o que é as conquistas do Poder Local e, portanto, na representatividade que todos têm nessa acepção. E ao fazermos isso na parte do que é institucional, invocar também, como também evocou aqui o Doutor Luís Marques Mendes, que é um grande orgulho, um grande regozijo. O Doutor Luís Marques Mendes é Conselheiro de Estado, tem uma experiência enorme no que é o Poder Local, o poder nacional. E é uma partilha também, enquanto estadista, enquanto português, que sente o seu país e um, contributo notabilíssimo. Ficar no protocolo para falar depois do Dr. Luís Marques Mendes é manifestamente, bastante mais coarctador, porque o brilhantismo da sua, do privilégio que nós tivemos da partilha do seu pensamento político, enquanto nacional, a partilha que fez aqui. E permita-me que lhe diga, na acepção do copo meio cheio que eu acho é que nós temos que fazer. Há de facto, ainda muita coisa para cumprir em Abril, mas já foi muita coisa feita e realizada nos exemplos que me deu e alguns deles até mos tirou do que eu também iria explanar e com o tempo, agora, eventualmente, até será mais curto. Naturalmente, nessa evocação, agradecer a presença de todos. Um particular agradecimento ao senhor ex-Presidente da Câmara, presente ao Senhor Dr. José Borges da Silva e aqui também ao que nós estamos a invocar e muito bem invocado pelo Dr. Luís Marques Mendes. Nós chegamos aqui como um resultado do que foi feito. Evocou e muito bem, tudo o que é hoje, o que falamos de 50 anos, passamos a 1974, os militares, as pessoas envolvidas, as personalidades e o povo e o povo. O 25 de Abril não é pertença de ninguém, seja institucional, ou seja, sectorial e de todos, é do povo, é de todos nós. O 25 de Abril é sentido por todos nós. E houve esse contributo notável feito por quem iniciou o 25 de Abril e estaremos a comemorar 50 anos de Poder Local daqui a 2 anos. Mas este Poder Local foi acelerado. Foi projetado a partir do momento em que tivemos o 25 de Abril. Portanto, nós também honramos hoje toda a gente que esteve desde o primeiro momento ao longo destes 50 anos, nas suas diversas funções, nos Organismos do Estado, no Poder Local e em tudo que contribuiu para o Portugal que é hoje, que é um Portugal que ainda tem metas para trilhar, mas muito para percorrido. E, portanto, essa Memória, esse tributo que é feito é um tributo justo que fazer a todos os contribuíram para o desenvolvimento local e do país. Naturalmente, cumprimentar todos os munícipes presentes, em particular os representantes das Comunidades e uma palavra em especial aos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim, na pessoa do seu Presidente, o Senhor Comandante dos Bombeiros Voluntários de Nelas na pessoa do seu Presidente e do seu Comandante. E, naturalmente, os dirigentes associativos, empresários e entidades presentes. E todos munícipes. Dizer-vos que o que nós falamos hoje é de 50 anos de Abril, de meio século, de plena democracia, de liberdade, mas também de desenvolvimento local e nacional. O Doutor Luís Marques Mendes falava há pouco, de facto, são 2 pilares inalienáveis que nós alcançámos com Abril. A democracia, a liberdade, despoletou tudo o que é, o que nós conseguimos conquistar no meio século de liberdade de democracia, de livre pensamento e de caminhos trilhados pelos próprios pés. Cinco décadas de direitos, conquistas e garantias, mas também de deveres, responsabilidade e compromisso social. Partilho, inteiramente, o que são os grandes pilares que o 25 de Abril também nos deu. O acesso universal à Educação. De facto, nós tínhamos o nosso fado quase, quase um fado português do fado lusitano de a partida, termos o nosso destino traçado de berço. Recordo aqui, com muito regozijo, muitos dos que são e que foram, recentemente, Autarcas, Presidentes de Câmara, vêm de famílias onde eram operários, eram



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

trabalhadores e bem, não é isso, a profissão que no que nos enobrece, não é sermos advogados, ou sermos médicos, ou arquitetos. Toda a profissão, o operário, o carpinteiro, é toda ela honrosa e toda ela é importante também no país. Não podemos ter qualquer receio quanto a isso. Agora, o que permitiu, a Educação permitiu o mais importante deste país que foi o desenvolvimento social através da mobilidade social ascendente.

Com o acesso à Educação universal foi permitido que este destino que nos agrilhoava fosse rompido para que nós pudéssemos andar, evoluir, estudar e fazer mobilidade social ascendente. Isso foi uma das maiores riquezas que Abril nos deu, o acesso universal à Educação, o acesso que era vedado para quem antes de eu tinha só posses financeiras ou tinha motivos e razões e apoios para prosseguir estudos. Felizmente, qualquer pessoa, um filho de um Agricultor, um filho de um Carpinteiro, um filho de um Operário Fabril poder juntar-se ao filho de um Arquiteto, de um Médico, ou de uma sociedade mais protegida, financeiramente e trilhar o seu próprio destino. Isto foi uma das grandes conquistas de Abril. Nós passamos um número imenso que temos agora e temos massa crítica. Temos pessoas formadas, empreendedores, empresários, setor sociais, políticos. Gente formada, mas a gente formada também é gente do ensino profissional, porque o país precisa de todos e que foi formada nesse intento. Mas foi esta Educação, foi este acesso generalizado que permitiu também chegarmos a este patamar. A Saúde, o Serviço Nacional de Saúde, como falou o Doutor Luís Marques Mendes. Nós éramos dos países antes do 25 de Abril que tinham as maiores taxas de mortalidade infantil. Neste momento somos dos países que têm os maiores desempenhos, a nível mundial, nesse aspecto. É nesse, mas poderia ser nos outros todos, no Apoio Social. O Serviço Nacional de Saúde é uma das maiores conquistas de Abril e é claramente uma imanidade que é transversal a todas as forças políticas e a toda a sociedade. Naturalmente, nos tempos em que vivemos, possa ser reforçado, possa ser, complementarizado. Mas o Serviço Nacional de Saúde foi um primado inequívoco do que é a nossa evolução, o nosso desenvolvimento, do que é o nosso país hoje. Um terceiro, como falou também o Doutor Luís Marques Mendes e o discurso não foi, minimamente, combinado, mas há muita, também, naturalmente, que outro Autarca que estivesse aqui em muito seria semelhante também. A questão do desenvolvimento local. O facto de aparecer o Poder Local, o facto de o País se poder desenvolver, não sempre na mesma bitola e à mesma velocidade, mas permitir que nós conseguíssemos tirar do Terreiro do Paço, mesmo que seja, metaforicamente, e devolver o poder ao Poder Local e termos constituído os Municípios, as Autarquias, as Juntas de Freguesia, as Assembleias Municipais, as Câmaras Municipais, permitiu que o País fosse e que seguisse um modelo mais justo, mais coeso desenvolvimento. Ainda não está feita essa correção toda, não está. Como diz o Poeta: O caminho faz-se caminhando. Mas estamos a fazer um bom caminho. Estamos a trilhar o bom caminho. Mantenho também a ideia de facto, que neste momento de Balanço há coisas que não são tão positivas, há coisas ainda para fazer, mas fizemos muito, andamos muito e devemos estar orgulhosos do que fizemos em 50 anos, quando há Nações, como disse e bem também o Doutor Marques Mendes, que demoraram séculos a conseguir fazer isso. Nós temos, de facto essa tendência, por vezes não nos valorizarmos. E temos um País cheio de conquistas formidáveis. E Abril permitiu-nos chegar aqui. Foi essa evolução que nós fizemos, enquanto sociedade, enquanto consciência social de construir uma sociedade mais coesa, mais harmoniosa e mais justa. E esse é o grande também desafio de Abril para a frente, entre outros. Eu diria que nós seremos um neste momento, que é



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE NELAS

um País que tem que apostar forte ainda e continuar no Apoio Social, na retaguarda social, no apoio social que tem, que tem que fazer. Mas também um País que tem que olhar para os seus jovens, que os forma, que os qualifica e que faz com que muitos dos jovens, é o mundo global em que vivemos, também é verdade, mas tenham que sair do nosso país. É não sendo uma solução fácil, temos que trabalhar para os nossos jovens, que nós qualificamos, que nós formamos, que são massa crítica e que sejam empreendedores, fixem-se no nosso país. E é nesse sentido que também temos que trabalhar. E é no trabalho e é no sentido onde trabalhar mais para a qualidade de vida das pessoas, para nos aproximarmos das bitolas dos outros países referenciais. Mas nós nunca ficamos a achar que o nosso destino seja inexorável por causa do nosso tamanho. Nós somos um país grande em alma, somos um país grande na maior riqueza que há, que são as pessoas. O 25 de Abril, para se continuar a cumprir, é consolidar o que foi conquistado, os direitos, as garantias, tudo o que conquistamos com Abril. O que fizemos bem, reforçá-lo. E, naturalmente, fazer o que ainda não foi feito, que é preciso fazer. Uma sociedade é essa mesma, é evolutiva, em constante mudança e mutação e em perpétua evolução. Termino, concluindo, conluo a intervenção, dizendo só 2 ou 3 coisas que também gostaria de partilhar. Neste momento em que nós comemoramos os 50 anos do 25 de Abril, comemoramos também uma Nação e um país que tem um rumo dedicado e orientado para o progresso e é nesse caminho que nós continuaremos a trilhar e seguiremos. Viva Portugal. Viva a Liberdade. Viva a Democracia. Viva o 25 de Abril. Viva o Concelho de Nelas. Viva Portugal. Muito bom dia. Obrigada pela vossa presença.

(Palmas)

O Senhor Presidente da Assembleia:

- Então, depois da intervenção do Senhor Presidente da Câmara, dava por encerrada esta primeira parte das comemorações do 25 de Abril. Depois do almoço, há o Programa da parte da tarde e faço o convite para estarem presentes. Muito obrigado a todos. Muito bom dia. Há um momento musical ainda.

Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente da Assembleia deu por encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente ata que depois de aprovada, vai ser assinada nos termos da lei.

Presidente:

Secretária: